



FACULDADE PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA AMAZÔNIA  
CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA

JANAÍNA DA SILVA ARAÚJO  
KARINA KELLY MORAIS DIAS

**OLHAR PSICOSSOCIAL SOBRE RISCOS À SAÚDE MENTAL DE “TRAVESTIS”**

PARAUAPEBAS

2024

JANAÍNA DA SILVA ARAÚJO  
KARINA KELLY MORAIS DIAS

**OLHAR PSICOSSOCIAL SOBRE RISCOS À SAÚDE MENTAL DE “TRAVESTIS”**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado a Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia (FADESA), como parte das exigências do Programa do Curso de Psicologia para a obtenção do Título de Bacharel em Psicologia

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Roberto Rodrigues Cruz

PARAUAPEBAS

2024

**Araújo, Janaína da Silva; Dias, Karina Kelly Moraes.**

**A658o**

**Olhar psicossocial sobre riscos à saúde mental de “travestis” / Janaína da Silva Araújo; Karina Kelly Moraes Dias – Parauapebas / PA: FADESA,**

**2024.**

**38f.**

**Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia – FADESA, Bacharelado em Psicologia. 2024.**

**Nota:** A versão original deste trabalho de conclusão de curso encontra-se disponível no Serviço de Biblioteca de Documentação da Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia – FADESA em Parauapebas – PA.

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmico e científicos, a reprodução total ou parcial deste trabalho de conclusão, por processos fotocopiadores e outros meios eletrônicos.

Comitê de Ética

Protocolo nº:

Data:

**JANAÍNA DA SILVA ARAÚJO**  
**KARINA KELLY MORAIS DIAS**

**OLHAR PSICOSSOCIAL SOBRE RISCOS À SAÚDE MENTAL DE “TRAVESTIS”**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado a Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia (FADESA), como parte das exigências do Programa do Curso de Psicologia para a obtenção do Título de Bacharel em Psicologia

Orientador: Prof.Dr. Cláudio Roberto Rodrigues Cruz

Aprovado em: 11 / 06 / 2024.

Banca Examinadora

*Carolina S*

---

Prof. Carolina de Barros Costa Santos  
Faculdade Para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia (FADESA)

*Mauricelia M*

---

Prof. Mauricelia da Silva Moraes  
Faculdade Para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia (FADESA)

*Claudio C*

---

Prof. Dr. Claudio Roberto Rodrigues Cruz  
Faculdade Para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia (FADESA)  
(Orientador)

Data de depósito do trabalho de conclusão 11 / 06 / 2024.

## **AGRADECIMENTOS (*Janaína*)**

Agradeço primeiramente a Deus pela vida e a oportunidade de vencer todos os obstáculos encontrados ao longo desta jornada que foi de muito aprendizado e superações. A minha família por todo apoio, incentivo e compreensão enquanto me dedicava a esta graduação, principalmente a minha mãe Graciete que dedicou a vida a amar e a educar suas filhas sem muitos recursos financeiros, sendo mãe solo, minha tia Gracilene e irmã Jakeline a quem tenho imenso amor e gratidão. E por fim ao professor Cláudio Cruz por suas excelentes orientações, correções e ensinamentos durante toda a produção deste trabalho de conclusão de curso, assim permitindo um melhor desempenho no processo de formação profissional

## **AGRADECIMENTOS** (*Karina*)

Gostaria de expressar minha sincera gratidão a Deus, que me deu força e sabedoria durante toda a jornada. Meu orientador Cláudio pelo seu valioso apoio e orientação durante todo o processo de elaboração do meu Trabalho de Conclusão de Curso. Suas sugestões e insights foram fundamentais para o sucesso deste projeto. Janaina, minha parceira de TCC, também merece meus agradecimentos. Juntas, enfrentamos desafios e compartilhamos conquistas, e estou feliz por termos trabalhado lado a lado nessa jornada acadêmica. À minha tia Cristiane, minha avó e meus pais, quero dedicar palavras especiais. Seu amor, incentivo e paciência foram essenciais para que eu pudesse me dedicar ao estudo e à pesquisa. Sem vocês, nada disso seria possível.

## RESUMO

A questão de gênero é repleta de representações e tematizações polêmicas. Isso instigou as autoras a fazer um recorte analítico, centrando atenção nos aspectos de risco à saúde mental de pessoas que se transvestem, comumente denominado de travestis. O título do estudo ficou assim configurado “olhar psicossocial sobre riscos à saúde mental de travestis”. A premissa é que há um contexto possibilitador de sofrimento psíquico, especialmente (e não exclusivamente) a partir do contexto familiar. O objetivo da pesquisa foi traçar reflexões sobre o olhar psicossocial sobre a situação de pessoas que se transvestem. Aponta como diferencial nas análises que o fenômeno de se travestir não é exclusivo do sexo masculino. A pesquisa consiste numa revisão bibliográfica qualitativa e sistemática, abrangendo artigos publicados nos últimos 20 anos. O estudo destaca os desafios psicossociais enfrentados por travestis, como estigma e discriminação, afetando sua saúde mental. Intervenções abrangentes são necessárias, incluindo diversidade de gênero, redução do estigma, acesso equitativo a serviços de saúde mental e fortalecimento da resiliência e do empoderamento. A educação e sensibilização são fundamentais para mudar percepções, enquanto a inclusão de aspectos sociais e estruturais é crucial para melhorar a saúde mental dessa comunidade.

**Palavras-chave:** Travestis; Saúde mental. Olhar psicossocial.

## **ABSTRACT**

**The issue of gender is full of controversial representations and themes. This prompted the authors to make an analytical approach, focusing attention on aspects of risk to the mental health of people who cross-dress, commonly called transvestites. The title of the study was “psychosocial perspective on risks to the mental health of transvestites”. The premise is that there is a context that enables psychological suffering, especially (and not exclusively) from the family context. The objective of the research was to outline reflections on the psychosocial perspective on the situation of people who cross-dress. It points out as a difference in the analyzes that the phenomenon of cross-dressing is not exclusive to males. The research consists of a qualitative and systematic bibliographic review, covering articles published in the last 20 years. The study highlights the psychosocial challenges faced by transvestites, such as stigma and discrimination, affecting their mental health. Comprehensive interventions are needed, including gender diversity, reducing stigma, equitable access to mental health services, and strengthening resilience and empowerment. Education and awareness are fundamental to changing perceptions, while the inclusion of social and structural aspects is crucial to improving the mental health of this community**

**Keywords: Transvestite; Inequality; Mental health.**

## **LISTA DE ABREVIATURA**

**CREPOP** - Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas

**CFP** - Conselho Federal de Psicologia

**LGBTQIA+** - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Agêneros e Assexuados.

**TCC** - Terapia Cognitivo-Comportamental.

**DSM** - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>9</b>
<b>2.1 Travestis – Percurso Conceitual .....</b>	<b>9</b>
<b>2.2 CREPOP.....</b>	<b>10</b>
<b>2.3 Saúde Mental em LGBTQIA+ .....</b>	<b>11</b>
<b>2.4 Questão de Gênero.....</b>	<b>112</b>
2.4.1 Sobre a abordagem da Terapia Cognitiva Comportamental (TCC).....	152
2.4.2 A questão de gênero sob a perspectiva do TCC .....	184
<b>2.5 Vulnerabilidades Invisibilizadas.....</b>	<b>20</b>
<b>3. METODOLOGIA .....</b>	<b>22</b>
<b>4. ANÁLISE E DISCUSSÃO.....</b>	<b>23</b>
<b>4.1 Olhar Psicológico sobre Pessoas Travestis na Perspectiva de Gênero .....</b>	<b>23</b>
<b>4.2 Travestis e Vulnerabilidades: Trato Analítico .....</b>	<b>24</b>
<b>4.3 Cross-dressing .....</b>	<b>26</b>
<b>4.4 Reconfigurando o Olhar sobre Travestis na Perspectiva da TCC .....</b>	<b>27</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>30</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A literatura especializada apresenta uma grande variedade de estudos sobre a questão de gênero, com diferentes perspectivas e focos de investigação. No presente trabalho, serão analisadas diversas fontes bibliográficas, totalizando 30 páginas dedicadas ao tema. O objetivo é apresentar uma visão ampla e abrangente sobre os riscos à saúde mental de “travestis”, bem como seus impactos e intervenções.

As próximas seções deste trabalho abordarão diversos aspectos relacionados ao Percurso Conceitual, Questão de Gênero, a TCC e a Questão de Gênero e as Vulnerabilidades. Serão também abordados temas específicos, como a importância da TCC para prevenção em nível individual e coletivo para reduzir os riscos associados a saúde mental.

Espera-se que este trabalho contribua para aumentar a conscientização e sensibilização da sociedade em relação aos desafios enfrentados pelas travestis no que diz respeito à sua saúde mental. Isso inclui o combate a estigmas e a promoção de uma cultura mais inclusiva, que valorize a diversidade de identidades de gênero.

A justificativa para o trabalho é fundamentada na importância de compreender e abordar os desafios enfrentados por esse grupo específico dentro da comunidade LGBTQIA+. Travestis frequentemente enfrentam múltiplas formas de discriminação e estigmatização, o que pode impactar significativamente sua saúde mental.

Ao investigar os riscos à saúde mental enfrentados por travestis, buscamos promover uma maior conscientização sobre essas questões e contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas e intervenções psicossociais mais eficazes. Além disso, este trabalho visa ampliar o conhecimento científico sobre a interseção entre identidade de gênero, saúde mental e contextos sociais, fornecendo subsídios para a promoção da igualdade e respeito à diversidade.

Entender os fatores que contribuem para a vulnerabilidade psicossocial das travestis é crucial para a implementação de medidas preventivas e de apoio, visando melhorar sua qualidade de vida e garantir o pleno exercício de seus direitos humanos. Este estudo se justifica, portanto, pela necessidade de uma abordagem holística e inclusiva na promoção da saúde mental e do bem-estar de todos os indivíduos, independentemente de sua identidade de gênero.

## **1.1 Tema**

Olhar Psicossocial Sobre Riscos à Saúde Mental de “Travestis”

## **1.2 Objetivo Geral**

Investigar qual o olhar psicossocial sobre os riscos da saúde mental de “travestis”.

## **1.3 Objetivos Específicos**

- Levantar bibliografia referente às análises sobre a questão de “travestis”;
- Verificar na literatura contextos de vulnerabilidades de “travestis”;
- Identificar e traçar paralela na abordagem Terapia Cognitiva Comportamental que trata sobre a realidade de “travestis”;
- Elencar ausências teóricas sobre saúde mental no trato da questão de “travestis” ;
- Discutir sobre exclusões em visibilizadas.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Travestis – Percurso Conceitual**

O tema travesti geralmente é expresso como a condição de homens que se vestem de mulher e se sentem na condição do gênero feminino. No particular desse trabalho acadêmico optou-se por considerar o termo travesti como um constructo, ou seja, um recorte intelectual que facilite uma delimitação diferenciada. Nesse sentido não se restringem àquelas pessoas que usam vestes femininas, mas cuja condição de gênero feminino se evidencie patentemente.

Podemos dizer que o universo homoerótico é formado por uma diversidade de sujeitos, práticas e formas de se relacionar, isto é, reconhecemos aí muitas subjetividades e maneiras de se desejar. Podemos ainda especificar que, dentro desse universo, existe uma faceta muito particular constituída pelos transgêneros ou pessoas trans, que além de exercerem uma transgressão no âmbito da orientação sexual, também provocam rachaduras na concepção de identidade de gênero

tradicionalmente imposta ao sexo biológico dos sujeitos, porque eles constroem no corpo, no comportamento e em suas subjetividades, sempre ainda apoiados numa lógica binária, um masculino e um feminino diferentes dos impostos pela ideologia patriarcal, gerando subversão, ambiguidade e ambivalência (DUARTE; LOPES, 2021).

A distinção entre travestis e transexuais é bastante polêmica, mas se situa basicamente nas ideias de que o transexual é um indivíduo que deseja se submeter à cirurgia de redesignação sexual parcial ou total, uma vez que este se considera “uma mulher presa num corpo de homem” ou vice-e-versa (FERNANDES, 2016).

As travestis, assim como as transexuais, são sujeitos que foram identificadas biologicamente como homens ao nascer, mas que se vestem com indumentária usualmente do sexo feminino, se comportam de maneira a construir uma identidade em semelhança ao que se define como “feminilidade”, adotando nomes femininos (nome social) pelos quais desejam ser tratadas. Modificam seus corpos, através de estratégias como uso de hormônios femininos, implantes de silicone nos seios, nos quadris, nas nádegas, da retirada dos pêlos do corpo, de maneira que a produção desse “feminino”, muito próprio das travestis, torna-se constante e essencial para que sejam consideradas como mulheres construídas e verossímeis (VELLOSO, 2021).

As travestis são diferenciadas das transexuais, sobretudo, por não possuírem conflito entre a construção de seu feminino e o fato de possuírem a genitália masculina e também por, em geral, não desejarem ser mulheres. A maioria das etnografias consultadas registra que as travestis abominam a cirurgia de mudança de sexo e consideram-na um ato de insanidade (DE CARVALHO, 2022).

Segundo Braga (2010), a travesti possui uma subjetividade marcada pelo hibridismo e pela ambiguidade: o travesti permanecerá com a ambiguidade do corpo feminino e no nome próprio masculino em seus documentos [...] falar de subjetividade travesti é sempre falar de movimento, do devir, do não acabado, que ao invés de imediato é factível, ou seja, é sempre um ponto de um estado de mudança (BRAGA, 2010).

Empregamos o termo Travestilidade, no lugar de Travestismo, uma vez que o primeiro fornece uma visão pluralizada da experiência travesti, promovendo um olhar mais abrangente e positivo. Estamos considerando, na literatura, como travesti a personagem de ficção que tem sua trajetória marcada na narrativa, perpassando por

um período, no qual a identidade sexual e de gênero era masculina, ou seja, era uma personagem homem que passa pela transformação corporal, por meio da vestimenta e outras tecnologias do corpo, e torna-se uma personagem travesti, que parte da aparência feminina para constituir uma nova identidade (GOMES; NORO, 2021).

Travestis e transexuais nada mais realizam do que uma performatividade no sentido de demonstrar que a dicotomia homem e mulher, tal qual conhecemos, é falha e inaplicável em termos práticos, fato que contribui para o aumento do risco de serem marginalizados pela sociedade em que se inserem. Com os travestis ou transexuais não é diferente, pois estando em uma sociedade machista, de base religiosa e, de certa forma, preconceituosa e indiferente aos diferentes, são, a todo tempo estereotipados como aberrações sociais (PEREIRA; GOMES, 2017).

Assim, transexuais e travestis devem ser sempre reconhecidos enquanto sujeitos de direito e isso implica numa apreciação que permita inseri-los de forma adequada no âmbito social, afastando-os, por conseguinte, dos alarmantes índices de pobreza. Somente por meio desse processo, ter-se-á uma efetiva consagração de garantias fundamentais previstas, inclusive, em nosso texto constitucional (PEREIRA; GOMES, 2017).

## **2.2 Questão de Gênero**

O conceito de gênero é uma construção social moldada pela interpretação cultural das diferenças biológicas entre os sexos, delineando uma série de comportamentos atribuídos tradicionalmente a categorias de feminino e masculino (SAFFIOTI, 2004). A Identidade de Gênero, por sua vez, representa a autopercepção que um indivíduo tem de si mesmo em relação ao gênero, independente das características biológicas associadas ao sexo atribuído ao nascer (PEDROSA, 2009).

Portanto, encontramos indivíduos que se alinham com o gênero que lhes foi designado no nascimento, em conformidade com suas características sexuais, sendo denominados cisgêneros, enquanto aqueles que não se identificam dessa maneira são conhecidos como transgêneros. Além disso, a expressão de gênero refere-se à forma como cada pessoa manifesta seu gênero ao mundo exterior,

englobando não apenas vestimentas e acessórios, mas também comportamentos e outras manifestações de identidade de gênero (SÃO PAULO, 2020).

O processo de autodescoberta como uma pessoa trans é caracterizado por um percurso composto por cinco fases distintas: a fase inicial de confusão, seguida por um período de dúvidas, posteriormente a conscientização da identidade de gênero, e então a etapa de aceitação ou rejeição, culminando na expressão social dessa identidade. Conforme apontado pelo autor, os estressores podem desencadear padrões iniciais de adaptação desfavorável, tais como o isolamento social, a alienação, a desconfiança e a vergonha, que por sua vez podem predispor ao desenvolvimento de transtornos mentais (CANALS, 2019).

Adicionalmente, o receio de enfrentar rejeição por parte da família e dos amigos, o temor de perder o sustento ao assumir sua identidade, bem como a elevada susceptibilidade a ser alvo de discriminação, preconceito e até mesmo violência, podem contribuir para o surgimento de sentimentos de desconforto, ansiedade e sinais de depressão entre as pessoas pertencentes a grupos de minorias sexuais e de gênero. Diante desse cenário, muitos indivíduos buscam apoio psicológico como uma forma de lidar com os conflitos e desafios enfrentados (NUNAN; CERQUEIRA-SANTOS, 2017)

A prática de se travestir, vista como uma expressão performativa que desafia as normas de gênero estabelecidas, revela uma tentativa de imitar o que é considerado como a realidade do sexo, ao mesmo tempo em que questiona sua própria existência concreta (SANTOS, 2020). No âmbito dessa perspectiva, é possível compreender que a significância atribuída ao corpo ocorre apenas dentro do contexto das relações de poder. A sexualidade, nesse sentido, representa uma construção histórica específica, moldada pelos discursos, pelo poder, pela corporeidade e pela afetividade (BUTLER, 2019).

### **2.3 CREPOP**

O Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP) desempenha um papel crucial na orientação e apoio aos psicólogos que atuam nas políticas públicas voltadas para a população LGBT. Este centro, vinculado ao Conselho Federal de Psicologia (CFP), tem como objetivo principal fornecer subsídios teóricos e práticos que assegurem uma prática profissional ética

e comprometida com os direitos humanos. A atuação do CREPOP é fundamental para a promoção de uma sociedade mais inclusiva e justa, onde a diversidade sexual e de gênero é respeitada e valorizada.

A atuação profissional em psicologia nas políticas públicas LGBT envolve uma compreensão profunda das especificidades e demandas dessa população. O CREPOP desenvolve materiais técnicos e diretrizes que auxiliam os psicólogos a reconhecerem e enfrentarem as diferentes formas de discriminação e violência que pessoas LGBT podem sofrer. Estes materiais incluem manuais, guias e recomendações que orientam desde a abordagem inicial até o acompanhamento contínuo, garantindo um atendimento acolhedor e eficaz.

Um dos pilares do trabalho do CREPOP é a promoção de ações afirmativas que visam garantir os direitos e a dignidade das pessoas LGBT. Isso inclui a sensibilização e capacitação dos profissionais de psicologia para lidarem com questões como a homofobia, transfobia e outras formas de opressão. Além disso, o centro incentiva a criação de espaços seguros e acolhedores dentro dos serviços de saúde e assistência social, onde as pessoas LGBT possam expressar suas identidades sem medo de julgamento ou represálias.

O CREPOP também destaca a importância da interseccionalidade na prática psicológica com a população LGBT. Isso significa que os profissionais devem estar atentos às múltiplas dimensões da identidade dos indivíduos, incluindo raça, classe, gênero, entre outras, que podem influenciar suas experiências e necessidades. A abordagem interseccional permite um entendimento mais abrangente e uma intervenção mais eficaz, promovendo uma assistência que considera as complexidades e especificidades de cada pessoa.

Por fim, o CREPOP atua como um agente de transformação social ao influenciar políticas públicas que protejam e promovam os direitos da população LGBT. Através de sua produção técnica e advocacy, o centro contribui para a elaboração e implementação de políticas que visam a igualdade e a justiça social. Desta forma, o CREPOP não apenas apoia os psicólogos em sua prática diária, mas também fortalece a luta pelos direitos humanos e a construção de uma sociedade mais equitativa para todos.

## 2.4 Saúde Mental em LGBTQIA+

O termo LGBTQIA+ engloba um grupo diverso, representado por lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, queer, intersexuais, agêneros e assexuados. Cada uma dessas identidades tem sua própria definição: lésbicas são mulheres que se relacionam com outras mulheres; gays são pessoas atraídas pelo mesmo sexo; bissexuais se atraem por ambos os sexos (BORTOLETTO, 2019).

Tavestis são indivíduos que se identificam com o gênero oposto ao sexo de nascimento; transexuais buscam a modificação de características sexuais externas; transgêneros têm uma identidade de gênero diferente do sexo atribuído ao nascer; queer não se encaixam em normas cis-heteronormativas; intersexuais têm características sexuais atípicas; agêneros não possuem identidade de gênero definida; assexuados não têm ou aparentemente não têm vida sexual (BORTOLETTO, 2019).

A comunidade LGBTQIA+ enfrenta maior propensão a diversas doenças crônicas, como diabetes, doenças cardíacas e certos tipos de câncer. Além disso, enfrentam desafios de saúde social, como violência, discriminação, exclusão, bem como questões de saúde mental, como depressão, ansiedade, abuso de substâncias e ideação suicida (GONZALES *et al.*, 2020).

Para designar o processo de declaração da identidade sexual, usa-se a expressão “coming out” - ato de divulgar a orientação sexual de uma pessoa ou sua identidade de gênero para outras (WEEKS, 1977). O “coming out” é um processo gerador de ansiedade, angústia, sentimento de culpa e medo nos indivíduos LGBTQIA+ (BERNARDO; NOGUEIRA, 2020).

Ao discutir redes de apoio, é crucial considerar profissionais de saúde como parte delas. Às vezes, esses profissionais podem não evitar expressar seus próprios preconceitos, tornando assim mais difícil o suporte adequado à comunidade LGBTQIA+. A Lei 10.216/01 (BRASIL, 2001) estabelece os direitos das pessoas que enfrentam problemas de saúde mental e os direitos delas como usuários do sistema de saúde, apontando que:

Art. 1º Os direitos e a proteção das pessoas acometidas de transtorno mental, de que trata esta Lei, são assegurados sem qualquer forma de discriminação quanto à raça, cor, sexo, orientação

sexual, religião, opção política, nacionalidade, idade, família, recursos econômicos e ao grau de gravidade ou tempo de evolução de seu transtorno, ou qualquer outra.

Na prática, isso nem sempre ocorre. Profissionais de saúde mental devem ser treinados para fornecer uma ajuda eficaz a pacientes suicidas e suas famílias. É essencial que esse treinamento enfatize a não-julgamento e reconheça a vulnerabilidade da comunidade LGBTQIA+. Isso permitirá que eles ofereçam um tratamento humanizado e competente aos indivíduos assistidos (SANTOS; BARBOSA; MELO, 2019).

A saúde mental dos membros da comunidade LGBTQIA+ é afetada por diversas dificuldades. A discriminação, o viés, a marginalização e a rejeição social podem resultar em impactos adversos na saúde mental das pessoas LGBTQIA+. Além disso, muitos indivíduos enfrentam desafios psicológicos relacionados à sua identidade de gênero e orientação sexual, o que também contribui para o estresse psicológico (FRANCISCO *et al.*, 2020).

Em síntese, é crucial compreender que a expressão de gênero é moldada pela sociedade e cultura, exercendo influência sobre o bem-estar psicológico das pessoas pertencentes a esse grupo. Estabelecer ambientes seguros e receptivos, juntamente com profissionais de saúde mental que valorizem a diversidade e a inclusão, desempenha um papel fundamental na preservação da saúde mental desses sujeitos (NETO *et al.*, 2023).

## **2.5A TCC e a Questão de Gênero**

### **2.5.1 Sobre a abordagem da Terapia Cognitiva Comportamental (TCC)**

A pesquisa de Beck teve como base a análise da interconexão entre cognição, emoção e comportamento tanto em contextos normais quanto na psicopatologia. Um mesmo acontecimento pode desencadear diferentes percepções em indivíduos distintos, influenciando diretamente suas reações e sentimentos. Essa variabilidade na resposta está relacionada à interpretação que cada pessoa faz da situação vivenciada, destacando que não é o evento em si que determina os

comportamentos e emoções, mas sim a avaliação cognitiva atribuída a ele (RANGÉ *et al.*, 2011).

A Terapia Cognitiva Comportamental (TCC) é fundamentalmente focada na identificação e reestruturação cognitiva, abordando pensamentos automáticos, crenças intermediárias e crenças nucleares (RANGÉ *et al.*, 2011). Wright, Basco e Thase (2008) destacam que o ápice da cognição é a consciência, um estado mais atento e racional nas decisões. A atenção consciente capacita o indivíduo a controlar e medir suas interações com o ambiente, integrando memórias passadas às experiências presentes e planejando ações futuras de forma elaborada. Dentro da TCC, os psicólogos incentivam o aumento da realização consciente e a adaptação do pensamento, resultando em pensamentos racionais e respostas eficazes para problemas (WRIGHT; BASCO; THASE, 2008).

A abordagem de TCC teve como premissa a interligação entre cognição, emoção e comportamento, especialmente em casos de funcionamento normal e psicopatologia. Beck enfatizou que o mesmo evento pode ser percebido de formas diversas por pessoas diferentes, o que influencia diretamente como elas agem e sentem. Essa variação na reação está relacionada à forma como cada pessoa interpreta a situação que está vivenciando, destacando que não é o evento em si que gera os comportamentos e as emoções, mas sim os pensamentos relacionados a ele. (RANGÉ *et al.*, 2011).

Os profissionais da TCC incentivam o desenvolvimento da consciência plena e a adaptação do pensamento, levando a um pensamento mais racional e respostas eficazes para problemas (WRIGHT; BASCO; THASE, 2008). Especificamente, quando o indivíduo compreende seu pensamento de forma clara e adaptativa, isso resulta em melhorias em seu estado emocional e comportamental. Para obter resultados duradouros na terapia, o psicólogo precisa explorar mais profundamente a cognição, incluindo as crenças intermediárias e nucleares (BECK, 2014).

Constantemente, estamos envolvidos em pensamentos, sendo a maioria deles internos e não expressos verbalmente, integrando-se ao nosso processo cognitivo. Grande parte do conteúdo dos nossos pensamentos está relacionado à nossa percepção dos eventos que experimentamos (WRIGHT; BASCO; THASE, 2008).

Wenzel (2018) ressalta que os pensamentos automáticos são uma parte essencial do processo cognitivo, permitindo a interpretação, análise, representação,

reprodução e impacto na forma como as pessoas experienciam uma situação. Devido à sua natureza rápida, pode ser desafiador identificar sua presença, pois esses pensamentos sempre vêm acompanhados de emoções, comportamentos e reações fisiológicas, daí o nome "pensamentos automáticos".

Knapp *et al.* (2007) afirmam que os pensamentos automáticos são as cognições mais acessíveis e suscetíveis a mudanças, pois são ativados por eventos internos, como lembrar de algo, e eventos externos, como aguardar um ônibus.

A Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) oferece uma variedade de métodos que podem ser utilizados, porém, a primeira sessão é crucial para estabelecer a contextualização cognitiva, pois é a partir dela que o psicólogo guiará os atendimentos personalizados (WRIGHT; BASCO; THASE, 2008). Segundo Knapp *et al.* (2007), sem uma sólida contextualização cognitiva, a terapia pode se tornar apenas uma série de técnicas cognitivas e comportamentais aplicadas, resultando em baixa eficácia ou insucesso terapêutico.

Além disso, o terapeuta deve dominar a contextualização para planejar um tratamento eficaz, compreendendo as distorções cognitivas e os comportamentos associados. Os métodos terapêuticos são adaptados conforme a necessidade de cada indivíduo, com ênfase na aliança terapêutica, colaboração ativa do cliente, foco nos problemas atuais, abordagem psicoeducativa e preventiva de recaídas, uso de limites temporais, sessões estruturadas e uma variedade de ferramentas para modificar pensamentos, emoções e comportamentos, entre outras estratégias. (BECK, 2014).

A Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) é conhecida por ser uma abordagem focada na resolução de problemas, o que resulta em um tempo de tratamento relativamente curto. De acordo com Wright, Basco e Thase (2008), geralmente são necessárias de 5 a 20 sessões para abordar questões como depressão e ansiedade, embora em alguns casos seja preciso um período mais longo de tratamento.

Beck (2014), por sua vez, argumenta que de 6 a 14 sessões são suficientes para tratar ansiedade e depressão, pois os objetivos terapêuticos incluem a redução dos sintomas, facilitação da remissão do transtorno, apoio na resolução de problemas e ensino de habilidades para prevenir recaídas.

### 2.5.2 A questão de gênero sob a perspectiva do TCC

A abordagem da terapia cognitivo-comportamental (TCC) se direciona para as preocupações e desafios do momento presente, visando ajudar os clientes a desenvolverem estratégias mais eficientes para lidar com suas dificuldades (BARLOW, 1994). Embora existam várias intervenções específicas baseadas na TCC, respaldadas por evidências empíricas (BARLOW, 1994) e respaldo científico, muitas delas se concentram na abordagem de um transtorno psicológico particular. Algumas opiniões sustentam que a natureza desses estudos demandaria a participação de grupos de participantes mais homogêneos (SELIGMAN, 1995).

Surgindo então como um desafio a adaptação da TCC para ser utilizada com um grupo diversificado, cujas questões e dificuldades não se enquadram facilmente em uma categoria específica do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM). Este cenário demanda uma abordagem flexível e sensível, capaz de se ajustar às necessidades individuais e às nuances das experiências dos clientes, indo além das limitações impostas por rótulos diagnósticos pré-determinados (SAFREN; ROGERS, 2001).

Na abordagem da Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), a prática da atenção plena desempenha um papel crucial na cognição, pois possibilita o monitoramento das interações e das formas de adaptação do indivíduo com o ambiente, inclusive diante de situações de transfobia e heteronormatividade. Ao estabelecer conexões entre as memórias do passado e as experiências do presente, cria-se um senso de continuidade que pode fundamentar a construção da identidade pessoal. Desse modo, torna-se viável planejar e regular ações futuras com base no conhecimento adquirido por meio desse monitoramento e das associações estabelecidas (STERNBERG; STERNBERG, 2016).

A TCC também pode oferecer suporte aos clientes na investigação dos impactos físicos e emocionais envolvidos no processo de afirmação de gênero, compreendendo as implicações desse processo na dinâmica familiar, no status social e nos efeitos duradouros resultantes da vivência de estigmatização social. Dessa forma, a psicoterapia tem o potencial de desempenhar um papel significativo no êxito da transição de gênero, ao proporcionar um espaço para a exploração dessas questões e o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento adequadas (MURPHY, 2015).

A abordagem da TCC demonstra ter ferramentas valiosas no tratamento de pacientes LGBT e na gestão do estresse associado às minorias. Ao serem respaldadas por evidências, a TCC oferece suporte aos indivíduos LGBT para desafiar e reestruturar crenças disfuncionais, além de auxiliá-los na construção de uma identidade social positiva. Isso implica em ampliar o suporte social e a conexão comunitária, permitindo experiências mais enriquecedoras e livres das armadilhas de sentimentos como vergonha e autodesprezo (PAVELTCHUK, 2021).

A Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) concentra-se na identificação, avaliação e alteração de comportamentos e sentimentos que não são adaptativos. Dado que os grupos de minorias sexuais e de gênero frequentemente enfrentam experiências de violência e estigmatização, é comum que desenvolvam uma visão negativa de si mesmos. Nesse contexto, o papel do terapeuta cognitivo-comportamental é guiar o cliente para uma compreensão mais positiva de sua identidade e perspectivas futuras. Essa abordagem pode ter impactos positivos significativos na saúde mental do indivíduo, ajudando a reduzir a ansiedade e os sentimentos de desesperança e desamparo (AUSTIN; CRAIG, 2015).

De acordo com a pesquisa de Pachankis (2014), que se concentrou em LGBT's que sofrem de depressão e ansiedade, foi identificado que a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) demonstrou ser uma abordagem eficaz. Ao se fundamentar nos princípios de aprendizagem e cognição, a TCC aborda os processos cognitivos, interpessoais e afetivos pelos quais o estresse associado à condição de minoria sexual impacta a saúde mental.

Assim, essa abordagem terapêutica revela-se apropriada e funcional na redução dos sintomas de depressão e ansiedade nesse grupo específico de pacientes. Essa constatação ressalta a importância da TCC como uma ferramenta valiosa no tratamento de questões de saúde mental relacionadas à identidade sexual.

É comum que muitos terapeutas mantenham visões polarizadas sobre os comportamentos e papéis associados a cada gênero. Portanto, é essencial que o próprio terapeuta esteja bem informado sobre a diversidade sexual e de gênero, evitando aderir rigidamente às crenças que surgem da concepção binária. É importante que os terapeutas reconheçam a fluidez e a complexidade das identidades de gênero e sexualidade, buscando abordar as questões dos clientes

com sensibilidade e compreensão, sem reforçar estereótipos prejudiciais (HAKEEM, 2012).

Na prática terapêutica, é recomendável evitar a centralização excessiva nos aspectos genitais. É importante reconhecer a diversidade de experiências e trajetórias individuais dentro da comunidade LGBT e respeitar as escolhas e necessidades específicas de cada pessoa ao abordar questões relacionadas à identidade de gênero (CFP, 2013).

## **2.6 Vulnerabilidades Invisibilizadas**

As disparidades sociais e a má distribuição de renda refletem um cenário intrincado e prejudicial, caracterizado pela exclusão social, que é vista como um processo capaz de intensificar as desigualdades e a pobreza. No entanto, essa exclusão não é uniforme ao longo do tempo e do espaço, apresentando-se de maneira diversificada (BRASIL, 2004)

Considerando esses elementos, para pessoas negras e de baixa renda, a discriminação e o preconceito são exacerbados e se estendem por todas as classes sociais. No entanto, quando pertencem à comunidade LGBTQIA+ e, mais especificamente, são travestis ou mulheres trans, a situação se torna ainda mais complexa. Adicionalmente, a maioria das travestis e mulheres transexuais frequentemente se vê empurrada para o trabalho sexual devido às pressões sociais ou são compelidas a se ajustar a um mercado de trabalho marcado pela divisão de gênero (CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL, 2016).

Conforme destacado pela Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT, 2021), essa realidade coloca muitos indivíduos LGBTQIA+ em uma posição de vulnerabilidade extrema, resultando na falta de acesso a moradia, alimentação adequada, recursos para custear despesas básicas como aluguel e contas domésticas, e outros aspectos essenciais.

Como consequência, essas pessoas são frequentemente deixadas à própria sorte, enfrentando a condição de sem-teto e sujeitas a uma série de perigos sociais, incluindo violência, condições precárias de vida, negligência, falta de acesso a saneamento básico e higiene, escassez de alimentos, exposição ao frio, maior susceptibilidade a doenças e riscos à saúde, dentre outros desafios.

Se esta questão é preocupante dentro da comunidade LGBTQIA+ em geral, a exclusão é ainda mais pronunciada para as travestis e transexuais, especialmente entre os indivíduos mais idosos, que podem ser marginalizados até mesmo dentro da própria comunidade LGBTQIA+ (VERONEZE, 2022).

A interseção das dinâmicas sociais relacionadas ao gênero, raça, classe e envelhecimento nesse grupo ainda é pouco explorada e demanda uma atenção mais ampla. Essas circunstâncias, devido a suas limitações e incertezas, têm o potencial de agravar os desafios de saúde mental preexistentes, como solidão, depressão, ansiedade, angústia e ideação suicida, contribuindo para aumentar a vulnerabilidade desse segmento da população (VERONEZE, 2022).

Outro aspecto a salientar, evidenciado nas pesquisas examinadas, é que muitas dessas pessoas não concluem sua educação devido ao preconceito e discriminação aos quais são submetidas. Além disso, enfrentam dificuldades em conseguir emprego formal, sendo empurradas para os limites da prostituição. Muitas travestis e transexuais, especialmente as mais pobres e negras, acabam vivenciando essa realidade em condições extremamente precárias, às vezes desumanas.

São relegadas e excluídas socialmente, buscando refúgio em espaços onde são aceitas, frequentemente recorrendo às ruas. É comum encontrá-las às margens de estradas, em bordéis, em esquinas e, muitas vezes, recorrem a alterações corporais arriscadas, enfrentando violência, riscos de contrair várias doenças, entre outros perigos (VERONEZE, 2022).

As travestis enfrentam uma situação marcada pela invisibilidade social e pela marginalização em muitas sociedades ao redor do mundo. Como minoria dentro das minorias, elas são frequentemente relegadas a um status de segunda classe, enfrentando discriminação sistêmica e obstáculos significativos no acesso a direitos básicos, como educação, emprego e cuidados de saúde. A invisibilidade da situação que se encontra as travestis muitas vezes resulta de normas de gênero estritas e estereótipos prejudiciais que as categorizam como "anômalas" em relação às expectativas binárias de masculino e feminino (BASSICHETTO; KON; VERAS, 2023).

Além disso, a falta de representação positiva e precisa na mídia e na cultura popular contribui para a perpetuação dessa invisibilidade. A ausência de narrativas autênticas sobre as experiências e identidades das travestis leva à desinformação e

à perpetuação de estigmas prejudiciais. A falta de visibilidade também se reflete na ausência de políticas públicas e recursos específicos para atender às necessidades das travestis, deixando-as frequentemente à margem e sem o suporte necessário para prosperar e se integrar plenamente à sociedade (LIMA, RODRIGUES; RABELO, 2023).

A questão das invisibilidades é que eles não são invisíveis, mas as situações em que eles se encontram. Enfrentar a invisibilidade é um desafio fundamental para as travestis e para aqueles que lutam por seus direitos e reconhecimento. É essencial promover a visibilidade e ampliar as vozes das travestis nas discussões sobre gênero e direitos humanos, bem como garantir o acesso a serviços e oportunidades que lhes permitam viver com dignidade e igualdade. Isso requer uma mudança cultural profunda que desafie as normas de gênero binárias e reconhece a diversidade e a validade das identidades de gênero das travestis (DE OLIVEIRA *et al.*, 2022).

### **3 METODOLOGIA**

É uma revisão bibliográfica, qualitativa e revisão sistemática de literatura (WHITTEMORE; KNAFL, 2005; MARCONI; LAKATOS, 2003). Na qual o critério de inclusão dos artigos são trabalhos publicados nos últimos 20 anos. Artigos, monografias, dissertações, teses, capítulos de livros, e o critério de exclusão são trabalhos publicados em congressos e com tempo superior a 20 anos.

Por ser uma revisão de literatura, não foi necessário obter aprovação pelo comitê de ética, uma vez que a pesquisa envolveu apenas dados de domínio público que não identificaram os participantes da pesquisa, ou apenas foram revisão bibliográfica (CEP)-CONEP (UFG, 2023). Seguindo os preceitos éticos, esta pesquisa se compromete em citar os autores utilizados na pesquisa, respeitando as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) sendo ela a NBR6023 que tem como objetivo tratar dos elementos e das orientações na utilização de referencias.

Foram consultadas as bases de dados *Scielo*, *Google Scholar*, *Elsevier*, Bibliotecas Digitais de Monografias, Teses e Dissertações (BDTD), LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e *PubMed* (US National Library of Medicine).

**Quadro 1 - Artigos Selecionados para Discussão**

<b>Autor</b>	<b>Ano</b>	<b>Título</b>
DAVEY <i>et al.</i>	2014	Social support and psychological well-being in gender dysphoria: A comparison of patients with matched controls.
WARREN <i>et al.</i>	2016	Psychological well-being among transgender and genderqueer individuals.
GOMES <i>et al.</i>	2021	Competências para o cuidado em saúde de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais: desenvolvimento e validação de instrumento avaliativo.
SILVA <i>et al.</i>	2016	Situações de violência contra travestis e transexuais em um município do nordeste brasileiro.
MACHADO <i>et al.</i>	2012	Bem-estar psicológico: definição, avaliação e principais correlatos.
WRIGHT <i>et al.</i>	2008	Aprendendo a terapia Cognitivo-comportamental: Um guia ilustrado.
STEPTOE <i>et al.</i>	2015	Psychological wellbeing, health and ageing.
EDMONDSON <i>et al.</i>	2015	Bem-estar psicológico e eventos pessoais positivos antecipados: sua relação com a depressão.
NIERENBERG <i>et al.</i>	2010	Déficits no bem-estar psicológico e na qualidade de vida na depressão menor: implicações para o DSM-V.
DE CARVALHO	2022	Interconexões Conceituais e Metodológicas em Pesquisas Sobre Comunicação, Jornalismo e Relações de Gênero.
CAMAPANNA <i>et al.</i>	2015	Cross-dressing: an alternative mechanism for antigen presentation.
MACNABB <i>et al.</i>	2022	Dendritic cells can prime anti-tumor CD8+ T cell responses through major histocompatibility complex cross-dressing.
SCHRIEK <i>et al.</i>	2023	Trogocytosis and cross-dressing in antigen presentation.
PAILLON <i>et al.</i>	2023	CTLA4 prohibits T cells from cross-dressing.
DAS MOHAPATRA <i>et al.</i>	2020	Cross-dressing of CD8 $\alpha$ + dendritic cells with antigens from live mouse tumor cells is a major mechanism of cross-priming.
MACHADO <i>et al.</i>	2012	Bem-estar psicológico: definição, avaliação e principais correlatos.

Fonte: A Autora, (2024).

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

### 4.1 Olhar Psicológico sobre Pessoas Travestis na Perspectiva de Gênero

A compreensão da experiência das pessoas travestis sob uma ótica psicológica se torna crucial dada a complexidade das interações entre identidade de gênero, estigma social e bem-estar psicológico. A identidade de gênero é um aspecto central da vida de uma pessoa travesti, muitas vezes marcada por um processo de autodescoberta e aceitação em meio a uma sociedade que frequentemente impõe normas rígidas de gênero (DAVEY *et al.*, 2014).

Os desafios enfrentados por pessoas travestis são diversos e interligados. O estigma social, a discriminação e a violência verbal ou física podem causar danos

significativos à sua saúde mental, afetando a autoestima, a identidade pessoal e o bem-estar emocional. A falta de acesso a serviços de saúde mental especializados e de apoio social adequado também contribui para a vulnerabilidade dessa população (BECK, 2014).

Nesse contexto, o papel do profissional de saúde mental é crucial. É necessário oferecer um ambiente terapêutico acolhedor, livre de preconceitos e julgamentos, onde a pessoa travesti se sinta segura para expressar suas vivências e desafios. O apoio psicológico pode incluir estratégias para lidar com o estresse causado pelo preconceito, fortalecer a autoaceitação e desenvolver habilidades de enfrentamento saudáveis (WARREN *et al.*, 2016).

Além do apoio individual, a promoção do empoderamento coletivo e da advocacia pelos direitos das pessoas travestis é fundamental. Isso envolve a luta por políticas públicas inclusivas, campanhas de conscientização e ações que visem combater a discriminação e o estigma de gênero na sociedade (GOMES; NORO, 2021).

Respeitar a autonomia das pessoas travestis em relação às suas identidades de gênero e escolhas é um princípio básico. Cada indivíduo tem sua própria jornada e é importante oferecer um espaço de escuta empática, sem imposições normativas ou expectativas que limitem a expressão da identidade de gênero (SOUZA *et al.*, 2015; SILVA *et al.*, 2016).

Em suma, o olhar psicológico sobre pessoas travestis na perspectiva de gênero requer sensibilidade, respeito e uma abordagem holística que leve em consideração as complexidades das experiências individuais e coletivas dessa comunidade. A promoção da saúde mental e do bem-estar emocional dessas pessoas deve ser uma prioridade em todos os âmbitos da sociedade.

#### **4.2 Travestis e Vulnerabilidades: Trato Analítico**

A questão de gênero relativa a pessoas travestis ainda repousa numa prevalência do gênero feminino relativo aqueles que nasceram biologicamente em corpos masculinos e é minimizado no gênero masculino, considerando aquelas pessoas que nasceram biologicamente em corpos femininos (MELO *et al.*, 2014)..

A maioria dos estudos foca na apresentação tradicional de travestis, destacando aqueles que vestem roupas femininas, embora sejam biologicamente do

sexo masculino. Isso tende a perpetuar estereótipos e limitar a compreensão da diversidade de identidades de gênero na comunidade travesti e transexual, contribuindo para a invisibilidade de outras expressões de gênero e para a perpetuação de preconceitos e discriminações (MACHADO; BANDEIRA, 2012).

A vulnerabilidade das mulheres transexuais e travestis negras decorre principalmente de experiências de preconceito e discriminação racial e sexual. Esses eventos impactam não apenas o desenvolvimento emocional dessas mulheres, mas também o reconhecimento de seus direitos básicos e de cidadania. A intersecção dessas formas de opressão cria um contexto desfavorável social e estruturalmente para essas comunidades (WRIGHT; BASCO; THASE, 2008).

As pesquisas que envolvem entrevistas de Steptoe *et al.*, 2015 revelaram como a interseccionalidade de opressões, como raça, gênero, orientação sexual e classe social, agrava a vulnerabilidade individual, social e programática dessas pessoas. No âmbito pessoal, a busca pela expressão de feminilidade e pela transição de gênero frequentemente está ligada a desafios emocionais, como ansiedade, pânico e depressão (STEPTOE *et al.*, 2015),

No nível social, essa vulnerabilidade se manifesta em violações de direitos no contexto familiar, perseguições na escola e obstáculos no mercado de trabalho. No nível programático, a ausência de políticas específicas e a falta de preparo dos agentes públicos exacerbam essa vulnerabilidade, especialmente nos setores de saúde e segurança (EDMONDSON; MACLEOD, 2015)

Qualquer manifestação de feminilidade por parte de pessoas biologicamente do sexo masculino tende a ser alvo de preconceito e discriminação. A análise das entrevistas revelou que a autocompreensão e expressão das identidades não-normativas muitas vezes resultam em experiências de hostilidade, rejeição e exclusão em diversos contextos sociais, como a família, a escola e o ambiente de trabalho (NIERENBERG *et al.*, 2010).

O estudo das vulnerabilidades enfrentadas por travestis é complexo e requer uma abordagem analítica que considere a interseccionalidade de diferentes formas de opressão. A análise dessas vulnerabilidades revela uma série de desafios que impactam profundamente a vida dessas pessoas (DAVEY *et al.*, 2014).

Em primeiro lugar, é importante destacar que a representação predominante de travestis na sociedade frequentemente se limita a uma imagem estereotipada, focada naqueles que adotam características femininas, mesmo sendo

biologicamente do sexo masculino. Essa representação estigmatizada contribui para a marginalização e para a falta de reconhecimento das diversas identidades de gênero presentes na comunidade travesti (SILVA *et al.*, 2016).

As vulnerabilidades enfrentadas por travestis são amplificadas pela interseção de opressões, como raça, gênero, orientação sexual e classe social. Essa interseção cria um contexto no qual essas pessoas estão sujeitas a múltiplas formas de discriminação e violência, tanto física quanto psicológica (DE CARVALHO, 2022).

No âmbito individual, as expressões de feminilidade e a transição de gênero muitas vezes são acompanhadas por desafios emocionais, como ansiedade, pânico e depressão. Além disso, a falta de acesso a serviços de saúde mental adequados agrava esses problemas, impactando negativamente o bem-estar psicológico das travestis (BECK, 2014).

No contexto social, a vulnerabilidade se manifesta em diversos aspectos, como a violação de direitos no ambiente familiar, perseguições e discriminação no ambiente escolar e dificuldades no acesso ao mercado de trabalho. Essas barreiras sociais impedem o pleno desenvolvimento e a participação igualitária dessas pessoas na sociedade (WRIGHT; BASCO; THASE, 2008).

Por fim, no nível programático, a ausência de políticas específicas e o despreparo dos serviços públicos contribuem para a perpetuação das vulnerabilidades enfrentadas pelas travestis. A falta de ações concretas para combater o preconceito e garantir o respeito aos direitos dessas pessoas perpetua um ciclo de marginalização e exclusão (DE CARVALHO, 2022).

Sendo assim, uma análise analítica das vulnerabilidades das travestis deve considerar não apenas os aspectos individuais, mas também as dimensões sociais e estruturais que contribuem para a perpetuação dessas vulnerabilidades. O reconhecimento e a valorização das diversas identidades de gênero são fundamentais para promover uma sociedade mais inclusiva e justa para todos (BECK, 2014).

### **4.3 Cross-dressing**

Além das travestis, a expressão de gênero vai além das categorias binárias de masculino e feminino, e a diversidade de identidades de gênero é uma realidade

que vem sendo cada vez mais debatida. No contexto da identidade de gênero, a pessoa que se identifica como mulher, mas se expressa de forma mais masculina, pode ser descrita de várias maneiras, dependendo de como ela se identifica (CAMAPANA *et al.*, 2015).

Uma mulher que se veste e se comporta de acordo com normas tradicionalmente associadas ao masculino pode ser uma mulher transmasculina. Esse termo é usado para descrever pessoas que foram designadas como do sexo feminino ao nascer, mas que se identificam como masculinas ou em algum ponto do espectro masculino de gênero. Elas podem adotar características como roupas, cortes de cabelo, gestos e comportamentos que são socialmente associados ao gênero masculino, como parte de sua expressão pessoal de identidade, denominado cross-dressing (MACNABB *et al.*, 2022).

É importante ressaltar que o cross-dressing não está diretamente relacionado à identidade de gênero. Ou seja, uma pessoa que pratica o cross-dressing não necessariamente se identifica como transgênero ou possui uma identidade de gênero diferente daquela associada ao seu sexo biológico. Muitas vezes, o cross-dressing é uma forma de expressão pessoal, de experimentação com diferentes estilos de roupa, ou até mesmo uma forma de entretenimento, como em performances artísticas (SCHRIEK; VILLADANGOS, 2023; PAILLON; HIVROZ, 2023).

É fundamental compreender que o cross-dressing não deve ser associado a estereótipos negativos ou preconceitos. Cada pessoa tem o direito de se vestir e se expressar da maneira que se sentir confortável e autêntica, independentemente das normas de gênero estabelecidas pela sociedade. O respeito pela diversidade de expressões de gênero e pela liberdade individual de escolha é essencial para promover um ambiente inclusivo e acolhedor para todas as pessoas (DAS MOHAPATRA *et al.*, 2022).

#### **4.4 Reconfigurando o Olhar sobre Travestis na Perspectiva da TCC**

A Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) também pode ser considerada uma abordagem específica no contexto das vulnerabilidades enfrentadas por travestis. A TCC é uma forma de intervenção terapêutica que se concentra na relação entre pensamentos, emoções e comportamentos, visando identificar e

modificar padrões disfuncionais que contribuem para o sofrimento psicológico (SOUZA *et al.*, 2015).

No contexto das travestis, a TCC pode ser aplicada de diversas maneiras para abordar questões específicas de saúde mental, como ansiedade, depressão, estresse relacionado à discriminação e dificuldades na construção de uma identidade de gênero positiva. Ela pode ajudar as travestis a desenvolver habilidades de enfrentamento eficazes, promovendo uma maior resiliência emocional e uma melhor qualidade de vida (STEPTOE *et al.*, 2015).

É importante destacar que a abordagem da TCC para travestis pode ser adaptada e personalizada de acordo com as necessidades e experiências individuais de cada pessoa. Isso pode incluir técnicas cognitivas para lidar com pensamentos negativos ou distorcidos sobre sua identidade de gênero, estratégias comportamentais para enfrentar situações de discriminação ou estigma social, e abordagens emocionais para lidar com o estresse e a ansiedade associados à vivência como travesti.

Por isso, a TCC representa uma abordagem valiosa no contexto das vulnerabilidades enfrentadas por travestis, oferecendo ferramentas e recursos para promover o bem-estar psicológico e emocional dessa comunidade. Sua aplicação requer sensibilidade cultural, compreensão das especificidades da identidade de gênero e um enfoque holístico que leve em consideração não apenas os aspectos individuais, mas também os fatores sociais e estruturais que influenciam a saúde mental das travestis (MACHADO; BANDEIRA, 2012).

Reconfigurar o olhar sobre travestis na perspectiva da Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) implica em reconhecer não apenas a eficácia, mas também a profundidade dessa abordagem para promover a saúde mental dessas pessoas. O estudo de Yu *et al* (2022) destacou que a TCC se mostrou especialmente eficiente nos casos de depressão entre travestis, sugerindo que essa terapia pode ser uma ferramenta poderosa para abordar questões psicológicas específicas enfrentadas por essa comunidade. Ao adentrar nesse olhar reconfigurado, é fundamental compreender a complexidade das experiências vivenciadas por travestis, incluindo não só os desafios relacionados à identidade de gênero, mas também à discriminação e ao estigma social que muitas vezes os acompanham.

Na perspectiva robustecida da TCC, o foco se expande para além da identificação e modificação de padrões de pensamento e comportamento

disfuncionais, passando a englobar também a construção de resiliência emocional e o fortalecimento da autoimagem e autoaceitação. Essa abordagem ampliada da TCC possibilita às travestis desenvolverem habilidades de enfrentamento mais sólidas, não apenas para lidar com a depressão, mas também para enfrentar outros desafios psicológicos e emocionais que possam surgir em decorrência de sua vivência (GOMES; NORO, 2021).

Além disso, a TCC robustecida na perspectiva das travestis pode ser adaptada de forma ainda mais específica e sensível às questões de identidade de gênero. Isso inclui não apenas a construção de uma imagem corporal positiva e a aceitação da identidade de gênero, mas também a promoção de relações interpessoais saudáveis dentro e fora da comunidade travesti, ajudando a reduzir o isolamento social e fortalecer os laços de apoio (WRIGHT; BASCO; THASE, 2008).

Em suma, reconfigurar o olhar sobre travestis na perspectiva da TCC de maneira robusta implica em uma abordagem mais abrangente, profunda e adaptada às especificidades dessa comunidade. A TCC não é apenas uma ferramenta terapêutica, mas sim um processo de transformação que visa não só a redução dos sintomas de depressão, mas também o fortalecimento da saúde mental e emocional como um todo.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considerando o olhar psicossocial sobre os riscos à saúde mental de travestis, é crucial compreender a complexidade de suas experiências. A interação entre fatores sociais, culturais e psicológicos desempenha um papel significativo na saúde mental dessa comunidade. O estigma e a discriminação enfrentados por travestis são fatores que contribuem diretamente para esses riscos, criando um ambiente de marginalização social e limitando o acesso a serviços de saúde mental adequados.

Para lidar com esses desafios, são necessárias intervenções que abordem não apenas os aspectos psicológicos, mas também os aspectos sociais e estruturais. Isso inclui a promoção da diversidade de identidades de gênero, a redução do estigma e da discriminação e a garantia de acesso equitativo a serviços de saúde mental sensíveis às necessidades específicas de travestis.

Além disso, o empoderamento e o fortalecimento da resiliência são fundamentais para promover a saúde mental dessa comunidade. Isso envolve o apoio ao desenvolvimento de estratégias de enfrentamento saudáveis, a valorização da autoimagem e autoaceitação e a criação de redes de apoio comunitário que promovam a inclusão e o respeito.

A educação e a sensibilização desempenham um papel essencial nesse contexto, ao desafiar estereótipos e preconceitos e ao promover um olhar mais empático e inclusivo sobre travestis. Isso inclui a capacitação de profissionais de saúde mental para oferecer um atendimento sensível e culturalmente competente, assim como campanhas de conscientização que busquem criar um ambiente mais acolhedor e igualitário para essa comunidade.

Em resumo, abordar os riscos à saúde mental de travestis requer uma visão abrangente e integrada que leve em conta não apenas os aspectos individuais, mas também os fatores sociais, culturais e estruturais que influenciam sua saúde mental. A promoção da saúde mental dessas pessoas não é apenas uma questão de justiça social, mas também uma necessidade fundamental para garantir seu bem-estar e qualidade de vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABGLT. **Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos**. Disponível em: <https://www.abglt.org/>. Acesso em: 15 mar. 2024.

AUSTIN, A.; CRAIG, S. L. Transgender affirmative cognitive behavioral therapy: Clinical considerations and applications. **Professional Psychology: Research and Practice**, v. 46, n. 1, p. 21–29, 2015.

BARLOW, D. H. Psychological Interventions in the Era of Managed Competition. **Clinical Psychology Science and Practice**, 1994, v. 1, n. 2, p. 109-122.

BARBOSA, B. C. "Doidas e putas": usos das categorias travesti e transexual. **Sexualidad, Salud y Sociedad** (Rio de Janeiro), p. 352-379, 2013.

BASSICHETTO, Katia Cristina; KON, Rubens; VERAS, Maria Amelia Sousa Mascena. Distribuição espacial de travestis e mulheres transexuais com teste rápido positivo para sífilis e HIV, participantes do estudo TransOdara Município de São

Paulo, 2020. **BEPA, Bol. epidemiol. paul.(Impr.)(edição temática) transexualidade no SUS**, 2023.

BRAGA, S. **O travesti e a metáfora da modernidade**. Palhoça: Ed. Unisul, 2010

BRASIL. **Ministério De Desenvolvimento Social E Combate À Fome**. Secretaria Nacional de Assistência Social. Política Nacional de Assistência Social–PNAS. Brasília, 2004

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**; tradução de Renato Aguiar-17<sup>a</sup> ed.-Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019

CANALS, A. Debate: Diversidade Sexual e de Gênero na psicoterapia Cognitivo-Comportamental. Congresso Wainer, 2019. Disponível em: [http://www.wainerpsicologia.com.br/upload/apresentacoes/congresso\\_2019/DiversidadeSexualedeGeneronapsicoterapiaCognitivo-Comportamental-AneronCanals.pdf](http://www.wainerpsicologia.com.br/upload/apresentacoes/congresso_2019/DiversidadeSexualedeGeneronapsicoterapiaCognitivo-Comportamental-AneronCanals.pdf) Acesso em 15 de mar. de 2024

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Nota Técnica, 30 de julho de 2013**. Nota técnica sobre processo transexualizador e demais formas de assistência às pessoas trans. Brasília: CFP, 2013.

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. Série assistente social no combate ao preconceito: Transfobia. Caderno 4, 2016. Disponível em: <http://www.cfess.org.br/arquivos/CFESS-Caderno04-Transfobia-Site.pdf>. Acesso em: 4 mar 2024.

CARVALHO, M.; CARRARA, S. Em direito a um futuro trans?: contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil. **Sexualidad, Salud y Sociedad** (Rio de Janeiro), p. 319-351, 2013.

CAMAPANNA, S.; DE PASQUALE, C.; CARREGA, P.; FERLAZZO, G.; BONACCORSI, I. Cross-dressing: an alternative mechanism for antigen presentation. **Immunology letters**, v. 168, n. 2, p. 349-354, 2015.

DE OLIVEIRA, L. H. H.; DA ROCHA, R. C. A.; SANCHES, M. A.; ROSANELI, C. F. VULNERABILIDADES SOCIALES Y MORALES DE LA POBLACIÓN LGBTQIA+. **Revista Inclusiones**, v. 9, n. Especial, p. 223-249, 2022.

DE CARVALHO, C. A. Interconexões Conceituais e Metodológicas em Pesquisas Sobre Comunicação, Jornalismo e Relações de Gênero. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**, v. 9, n. 1, p. 169–185-169–185, 2022.

DAS MOHAPATRA, A.; TIRRELL, I.; BÉNÉCHET, A. P.; PATTNAYAK, S.; KHANNA, K. M.; SRIVASTAVA, P. K. Cross-dressing of CD8 $\alpha$ + dendritic cells with antigens from live mouse tumor cells is a major mechanism of cross-priming. **Cancer Immunology Research**, v. 8, n. 10, p. 1287-1299, 2020.

DUARTE, M.; LOPES, F. H. A emergência da primeira geração de travestis no Brasil, na década de 1960. **Revista Territórios e Fronteiras**, v. 14, n. 1, p. 151-177, 2021.

DAVEY, A.; BOUMAN, W. P.; ARCELUS, J.; MEYER, C. Social support and psychological well-being in gender dysphoria: A comparison of patients with matched controls. **The journal of sexual medicine**, v. 11, n. 12, p. 2976-2985, 2014.

EDMONDSON, O. J. H.; MACLEOD, A. K. Bem-estar psicológico e eventos pessoais positivos antecipados: sua relação com a depressão. **Psicologia clínica & psicoterapia**, v. 22, n. 5, p. 418-425, 2015.

FERNANDES, C. E. A. **Um percurso pelas configurações do corpo de personagens travestis em narrativas brasileiras do século xx: 1960-1980**. 2016. 179 f. Tese (Doutorado em Letras)-Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

GOMES, S. M.; NORO, L. R. A. Competências para o cuidado em saúde de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais: desenvolvimento e validação de instrumento avaliativo. **Saúde e Sociedade**, v. 30, p. e190829, 2021.

HAKEEM, A. Psychotherapy for gender identity disorders. **Advances in Psychiatric Treatment**, v. 18, p. 17-24, 2012.

HWAHNG, S. J.; NUTTBROCK, L. Adolescent gender-related abuse, androphilia, and HIV risk among transfeminine people of color in New York City. **Journal of homosexuality**, v. 61, n. 5, p. 691-713, 2014

IRWIN, J.A.; COLEMAN, J. D.; FISHER, C. M.; MARASCO, V. M. Correlates of suicide ideation among LGBT Nebraskans. **Journal of homosexuality**, v. 61, n. 8, p. 1172-1191, 2014.

KNAPP, Paulo *et al.* **Terapia Cognitivo-comportamental na prática psiquiátrica**. Porto Alegre: Artmed, 2007

LEINUNG, M.; URIZAR, M.; PATEL, N.; SOOD, S. Endocrine treatment of transsexual persons: extensive personal experience. **Endocrine Practice**, v. 19, n. 4, p. 644-650, 2013.

LIMA, I. S.; RODRIGUES, R. C.; RABELO, D. F. MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA: UM ESTUDO SOBRE VULNERABILIDADES SOCIAL, RACIAL E DE GÊNERO. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health**, v. 15, n. 46, p. 60-83, 2023.

MACHADO, W. L.; BANDEIRA, D. R. Bem-estar psicológico: definição, avaliação e principais correlatos. **Estudos de Psicologia** (Campinas), v. 29, p. 587-595, 2012.

MACNABB, B. W.; CHEN, X.; TUMULURU, S.; GODFREY, J.; KASAL, D. N.; YU, J.; HINOHARA, K.; KLINE, J. Dendritic cells can prime anti-tumor CD8+ T cell

responses through major histocompatibility complex cross-dressing. *Immunity*, v. 55, n. 6, p. 982-997, 2022.

NUNAN, A.; CERQUEIRA-SANTOS, E. Diversidade de gênero e terapia cognitivo-comportamental. *In*: NEUFELD, C. B.; FALCONE, E. M. O.; RANGÉ, B. P. (Orgs.). *PROCOGNITIVA: Programa de Atualização em Terapia Cognitivo-Comportamental: Ciclo 4*. (pp. 63–85). Porto Alegre: Artmed Panamericana, 2017, v. 3, p. 63-85. 2017.

NIERENBERG, A. A.; RAPAPORT, M. H.; SCHETTLER, P. J.; HOWLAND, R. H.; SMITH, J. A.; EDWARDS, D.; SCHNEIDER, T.; MISCHOULON, D. Déficit no bem-estar psicológico e na qualidade de vida na depressão menor: implicações para o DSM-V. **Neurociência e terapêutica do SNC**, v. 4, p. 208-216, 2010.

PACHANKIS, J. E. Uncovering Clinical Principles and Techniques to Address Minority Stress, Mental Health, and Related Health Risks Among Gay and Bisexual Men. **Clin Psychol**, New York, dez. 2014, v. 21, n. 4, p. 313-330. Doi: 10.1111/cpsp.12078

PAVELTCHUK, F. Contribuições das TCCs no manejo do estresse de minorias sexuais e de gênero. *In*: FOCO - Instituto Carioca de TCC. **Disponível em**: <https://www.focotcc.com/post/contribui%C3%A7%C3%B5es-das-tccs-no-manejo-do-estresse-de-minorias-sexuais-e-de-g%C3%AAnero> **Acesso em**: 15 de mar de 2024.

PAILLON, N.; HIVROZ, C. CTLA4 prohibits T cells from cross-dressing. *Journal of Experimental Medicine*, v. 220, n. 7, p. e20230419, 2023.

PEREIRA, F. Q.; GOMES, J. M. C. Pobreza e gênero: a marginalização de travestis e transexuais pelo direito. **Revista Direitos Fundamentais & Democracia**, v. 22, n. 2, p. 210-224, 2017.

PEDROSA, J. B. Característica Comportamental e Gênero. *In*: VIEIRA, T. R.; PAIVA, L. A. S. (Orgs.). *Identidade Sexual e Transexulidade*. São Paulo: Roca, 2009.

REISNER, SARI L.; POTEAT, TONIA; KEATLEY, JOANNE; CABRAL, MAURO; MOTHOPENG, TAMPOSE; DUNHAM, EMILIA; HOLLAND, CLAIRE E.; MAX, RYAN; BARAL, STEFAN D. Global health burden and needs of transgender populations: a review. **The Lancet**, London, v. 388, n. 10042, p. 412-436, 2016.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, Patriarcado, Violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004

SCHRIEK, P.; VILLADANGOS, J. A. Trogocytosis and cross-dressing in antigen presentation. *Current Opinion in Immunology*, v. 83, p. 102331, 2023.

SANTOS, E. Corpos travestis da literatura: Olhares entre identidade, questões de gênero e alteridade. **REVEXT - Revista de Extensão da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 118–131, 2020.

SELIGMAN, M. E. P. The effectiveness of psychotherapy: The Consumer Reports study. **American Psychologist**, 1995, v. 50, n. 12, p. 965-974.

STERNBERG, R. J.; STERNBERG, K. S. **Psicologia cognitiva**. 7. ed. (Trad. Noveritis do Brasil). São Paulo: Cengage Learning, 2016

SÃO PAULO. Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania. Diversidade Sexual e a Cidadania LGBTI+. São Paulo: Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania, 3 ed., 2020. Disponível em: [http://www.recursohumanos.sp.gov.br/lgbt/cartilha\\_diversidade.pdf](http://www.recursohumanos.sp.gov.br/lgbt/cartilha_diversidade.pdf) Acesso em 15 de mar. 2024.

SELIGMAN, M. E. P. The effectiveness of psychotherapy: The Consumer Reports study. **American Psychologist**, 1995, v. 50, n. 12, p. 965-974.

SOUZA, M.; SILVA, M.; CARVALHO, R. **Revisão Integrativa: O que é e como fazer?** Einstein, 102-106. 2010.

SOUZA, M. H. T. D.; MALVASI, P.; SIGNORELLI, M. C.; PEREIRA, P. P. G. Violência e sofrimento social no itinerário de travestis de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 31, p. 767-776, 2015.

SILVA, G. W. D. S.; SOUZA, E. F. L.; SENA, R. C. F. D.; MOURA, I. B. D. L.; SOBREIRA, M. V. S.; MIRANDA, F. A. N. D. Situações de violência contra travestis e transexuais em um município do nordeste brasileiro. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 37, p. e56407, 2016.

STEPTOE, A.; DEATON, A.; STONE, A. A. Psychological wellbeing, health and ageing. **Lancet**, v. 385, n. 9968, p. 640, 2015.

UFG. **Obrigatoriedade de submissão ao Comitê de Ética**. Disponível em: <https://cep.prpi.ufg.br/p/10879-o-que-deve-ser-analisado-pelo-sistema-cep-conep>. Acesso em: 10 set. 2023.

VELLOSO, L. I. M. Do corpo ao corpus travesti: exercícios de performatividade de gênero em Florbela Espanca, Al Berto e Margarida Vale de Gato. Abril: **Revista do Estudos de Literatura Portuguesa e Africana-NEPA UFF**, v. 13, n. 26, p. 91-104, 2021.

VERONEZE, R. T. Vulnerabilidades das travestis e das mulheres trans no contexto pandêmico. **Revista Katálysis**, v. 25, n. 2, p. 316–325, maio 2022.

WARREN, J. C.; SMALLEY, K. B.; BAREFOOT, K. N. Psychological well-being among transgender and genderqueer individuals. **International Journal of Transgenderism**, v. 17, n. 3-4, p. 114-123, 2016.

WENZEL, A. **Inovações em Terapia Cognitivo-Comportamental: Intervenções estratégicas para uma nova prática criativa**. Porto Alegre: Artmed, 2018.

WRIGHT, J. H.; BASCO, M. R., THASE, M. E. **Aprendendo a terapia Cognitivo-comportamental:Um guia ilustrado**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

WHITTEMORE, R.; KNAFL, K. The integrative review: updated methodology. **Journal of Advanced Nursing**, v.52, n.5, p.546-553, 2005.

YU, Y.; WANG, X.; WU, Y.; WENG, W.; ZHANG, M.; LI, J.; GAO, Y. The benefits of psychosocial interventions for mental health in men who have sex with men living with HIV: a systematic review and meta-analysis. **BMC Psychiatry**, 2022, v. 22, p. 440.

ZUCCHI, E. M.; BARROS, C. R. dos S.; REDOSCHI, B. R. L.; DEUS, L. F. A. de; VERAS, M. A. de S. M. Bem-estar psicológico entre travestis e mulheres transexuais no Estado de São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 35, n. 3, p. e00064618, 2019.

Página de assinaturas

**Janaina Araujo**  
012.647.062-60  
Signatário

**Claudio Cruz**  
150.061.902-72  
Signatário

**Karina Dias**  
033.415.412-09  
Signatário

*Daniela S. Américo*

Coordenadora do Curso de Psicologia  
FADESA

**Daniela Américo**  
005.484.062-78  
Signatário

**Carolina Santos**  
008.792.505-26  
Signatário

**Mauricelia Moraes**  
745.468.053-49  
Signatário

HISTÓRICO

- 20 jun 2024** 14:29:08 **Janaina da Silva Araujo** criou este documento. ( Email: janainaaraujo7@gmail.com, CPF: 012.647.062-60 )
- 20 jun 2024** 14:29:09 **Janaina da Silva Araujo** (Email: janainaaraujo7@gmail.com, CPF: 012.647.062-60) visualizou este documento por meio do IP 189.40.105.172 localizado em Belém - Pará - Brazil
- 20 jun 2024** 14:29:16 **Janaina da Silva Araujo** (Email: janainaaraujo7@gmail.com, CPF: 012.647.062-60) assinou este documento por meio do IP 189.40.105.172 localizado em Belém - Pará - Brazil
- 20 jun 2024** 19:19:42 **Daniela S Américo** (Email: psicologia@fadesa.edu.br, CPF: 005.484.062-78) visualizou este documento por meio do IP 170.239.200.130 localizado em Parauapebas - Pará - Brazil



- 20 jun 2024**  
19:19:51  **Daniela S Américo** (Email: [psicologia@fadesa.edu.br](mailto:psicologia@fadesa.edu.br), CPF: 005.484.062-78) assinou este documento por meio do IP 170.239.200.130 localizado em Parauapebas - Pará - Brazil
- 20 jun 2024**  
17:30:38  **Claudio Roberto Rodrigues Cruz** (Email: [rodrig.cruz@hotmail.com](mailto:rodrig.cruz@hotmail.com), CPF: 150.061.902-72) visualizou este documento por meio do IP 200.124.94.135 localizado em Parauapebas - Pará - Brazil
- 20 jun 2024**  
17:30:46  **Claudio Roberto Rodrigues Cruz** (Email: [rodrig.cruz@hotmail.com](mailto:rodrig.cruz@hotmail.com), CPF: 150.061.902-72) assinou este documento por meio do IP 200.124.94.135 localizado em Parauapebas - Pará - Brazil
- 26 jun 2024**  
23:37:44  **Mauricelia da Silva Moraes** (Email: [mmauricelia1@gmail.com](mailto:mmauricelia1@gmail.com), CPF: 745.468.053-49) visualizou este documento por meio do IP 45.7.26.161 localizado em Parauapebas - Pará - Brazil
- 26 jun 2024**  
23:37:49  **Mauricelia da Silva Moraes** (Email: [mmauricelia1@gmail.com](mailto:mmauricelia1@gmail.com), CPF: 745.468.053-49) assinou este documento por meio do IP 45.7.26.161 localizado em Parauapebas - Pará - Brazil
- 20 jun 2024**  
17:37:30  **Karina Kelly Moraes Dias** (Email: [karinakellymoraais@gmail.com](mailto:karinakellymoraais@gmail.com), CPF: 033.415.412-09) visualizou este documento por meio do IP 177.87.165.197 localizado em Parauapebas - Pará - Brazil
- 20 jun 2024**  
17:37:35  **Karina Kelly Moraes Dias** (Email: [karinakellymoraais@gmail.com](mailto:karinakellymoraais@gmail.com), CPF: 033.415.412-09) assinou este documento por meio do IP 177.87.165.197 localizado em Parauapebas - Pará - Brazil
- 21 jun 2024**  
09:54:49  **Carolina De Barros Costa Santos** (Email: [carolinabarros@fadesa.edu.br](mailto:carolinabarros@fadesa.edu.br), CPF: 008.792.505-26) visualizou este documento por meio do IP 177.55.68.243 localizado em Canaa Dos Carajas - Pará - Brazil
- 21 jun 2024**  
10:27:17  **Carolina De Barros Costa Santos** (Email: [carolinabarros@fadesa.edu.br](mailto:carolinabarros@fadesa.edu.br), CPF: 008.792.505-26) assinou este documento por meio do IP 177.55.68.243 localizado em Canaa Dos Carajas - Pará - Brazil

